



## **Educomunicação e Pedagogia de Projetos: abordagens e convergências<sup>1</sup>**

Lílian Bhruna Pinho de ANDRADE<sup>2</sup>  
Richard ROMANCINI<sup>3</sup>  
ECA/USP

### **RESUMO**

O trabalho procura destacar o papel da Pedagogia de Projetos (PP) na renovação dos processos educativos, refletindo sobre como esta metodologia pode ser relacionada com a Educomunicação, para tornar mais abrangente e crítica a formação dos jovens no âmbito da escola, instituição que na sociedade atual passa por uma crise. Desse modo, o texto descreve características importantes da PP e do conjunto de reflexões/teorias e práticas sobre as relações entre a comunicação e a educação, que podem ser agrupadas sob o conceito de Educomunicação, de modo a que seja realizado um cotejo crítico, mostrando as possíveis convergências relevantes entre essas abordagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia de Projetos, Educomunicação, Educação, Comunicação, Ecossistema Comunicativo

### **Introdução**

A partir de pesquisa realizada numa escola particular de São Paulo (Andrade, 2009), realizou-se uma reflexão sobre as possíveis relações entre a Pedagogia de Projetos (PP) e a Educomunicação e como ambas podem favorecer o ambiente escolar. A investigação, no plano empírico, procurou perceber se e como os comunicadores apropriam-se, em projetos educacionais, de noções da Pedagogia de Projetos e, por outro lado, em que medida a Educomunicação era reconhecida pelos professores no ambiente escolar e utilizada em seu trabalho com projetos pedagógicos. Nesse texto, porém, iremos nos concentrar na discussão teórica sobre o que pode aproximar a Educomunicação e a Pedagogia de Projetos.

Na sociedade atual, as mudanças acontecem rapidamente, precisamos estar atentos e flexíveis a elas. As novas mídias subvertem os valores sociais tradicionais, como o papel da escola, colocando os métodos usuais de ensino em uma situação bastante complicada, pois esses já não mais se enquadram no perfil do aluno dos dias de hoje. A escola na atualidade deixou de ser a principal fonte de informações para os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Educativa do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Especialista em Gestão da Comunicação pela ECA/USP, email: [bhrunap@uol.com.br](mailto:bhrunap@uol.com.br).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor da FAMEC/SP e do curso de pós-graduação *lato sensu* Gestão da Comunicação (ECA/USP), email: [richard.romancini@gmail.com](mailto:richard.romancini@gmail.com).



indivíduos. Essas estão por todos os lados, para todos os gostos, somos bombardeados diariamente com inúmeras informações. Vivemos na Sociedade da Informação e nesse novo cenário a escola ainda busca redimensionar seu papel social.

Diante desse contexto e da crise que a instituição escolar vem atravessando, tornou-se inevitável uma reformulação nas práticas educativas. Nesse sentido, é possível dizer que o trabalho com a Pedagogia de Projetos e o crescente interesse que essa estratégia didática mostra hoje estão relacionados com a preocupação em devolver à escola sua função, que é de preparar os alunos para a sociedade atual, propiciando uma formação crítica.

De certo modo, a própria aproximação existente entre agentes dos campos da comunicação e da educação expressa também essa tentativa de atualização das práticas e conceitos na escola. As perguntas relevantes para a presente reflexão, por isso, são: como a Pedagogia de Projetos pode dialogar com a Educomunicação? Quais as possibilidades de cooperação, sinergia entre elas e também o que as diferencia?

Tendo essas questões em mente, na sequência do texto iremos desenvolver, inicialmente, uma caracterização da Pedagogia de Projetos, destacando dois grandes eixos de questões: 1) as origens e estratégias de trabalho envolvidas, 2) o papel dos conteúdos, da avaliação e do professor no desenvolvimento dos projetos pedagógicos. Em seguida, iremos discutir alguns aspectos que buscam definir a proposta da Educomunicação, para, por fim, realizar uma análise comparada entre Pedagogia de Projetos e Educomunicação.

### **A Pedagogia de Projetos: origens e estratégias de trabalho<sup>4</sup>**

No início do século XX, pesquisadores da educação europeus e norte-americanos se opuseram à passividade imposta aos alunos no modelo pedagógico tradicional vigente nas escolas. Dentre esses pesquisadores, destaca-se o filósofo John Dewey (1859-1952), que via no modelo tradicional um mecanismo de perpetuação da ordem estabelecida. Segundo ele, o único caminho que leva a uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária é a educação, mas uma educação voltada à autonomia da pessoa. Uma educação que visa ao desenvolvimento de um cidadão, na sua perspectiva, não poderia senão estimular uma atitude cooperativista, participativa e reflexiva no educando. Dessa concepção surge a Pedagogia de Projetos, uma

---

<sup>4</sup> Nesse tópico e no seguinte, os textos que embasam a discussão acerca da PP são os de Coll (2000), Hernández e Ventura (1998), Nogueira (1999), Queiroz (2001) e Santomé (1998).



metodologia pedagógica que acredita em uma aprendizagem significativa, por meio da interação do aluno com seu contexto social, que possibilite o desenvolvimento de seu senso crítico.

A PP entende que para aprender o aluno se vale de toda a sua experiência de vida, dessa forma é imprescindível a valorização de sua cotidianidade. Os conteúdos acadêmicos devem ser abordados tendo como ponto de partida uma situação real conhecida pelo aluno, que será o tema norteador do projeto. Deve-se haver uma estreita relação entre a abordagem dos conteúdos e a realidade vivida pelo educando, por isso o reconhecimento da pluriculturalidade é fundamental.

Quando se trabalha com projetos, a escola deixa de ser o local para simples apreensão dos conteúdos e passa a ser um ambiente onde o saber se constrói, onde os conteúdos acadêmicos são utilizados na prática, auxiliando a resolução de situações conhecidas ou vivenciadas pelos alunos. A PP trabalha com a transdisciplinariedade, ou seja, relacionam-se os diferentes saberes na busca da melhor compreensão das situações reais. Não existe apenas a preocupação do acúmulo dos saberes formais. É uma educação voltada para a articulação da aprendizagem individual do aluno nos diferentes conteúdos. A inter-relação dos diferentes saberes deve ocorrer de maneira autônoma, a partir dos problemas que surgirão no desenvolvimento do tema norteador do projeto.

O aluno é estimulado a reconhecer o seu papel dentro da engrenagem social, percebendo seus potenciais diante das situações, ele também reconhecerá as suas possibilidades de ação. Partindo da comunidade local, os projetos objetivam mostrar também como as comunidades se enquadram dentro da sociedade, como as relações sociais se estabelecem. Nesse aspecto, podemos dizer que a PP busca uma educação globalizada, na qual o aluno possa compreender todo o mundo que o cerca, não apenas a comunidade a qual ele pertence; observe-se, assim, que se parte do local para o global.

O trabalho por projetos propõe uma mudança na forma de se pensar a educação. O aprender deixa de ser visto como um atributo próprio de uma determinada fase da vida, e passa a ser visto como um processo constante na vida de todos. É necessário aprender a aprender ao longo de toda a vida, pois há uma diferença marcante entre os que produzem informações e os que apenas as consomem. O professor, sabendo instigar os alunos a conhecer mais profundamente as situações-problema, poderá auxiliá-los em suas descobertas. Os alunos devem ser estimulados a observarem que são várias as possibilidades para sua resolução ou entendimento. Nesse momento, ele vai sentir a



necessidade de ir além de uma disciplina acadêmica para pensar acerca do problema. Estaremos, assim, permitindo ao aluno que ele explore suas próprias ideias e se questione acerca dos fatos. Outra vantagem indiscutível que o trabalho por projetos oferece é a possibilidade de desenvolver a cooperatividade e a comunicação dentro do ambiente escolar. Os alunos são instigados a perceberem a importância de serem flexíveis, reconhecer o “outro” e compreender seu próprio entorno pessoal e cultural. Alunos e professores transformam a aprendizagem em experiências sociais. Nesse ponto é importante frisar o respeito que se deve ter a cada aluno, à sua individualidade. Cada pessoa tem o seu ritmo de aprendizado, cabe ao professor identificar os que necessitam de mais tempo e a melhor maneira de auxiliá-los,

Nessa metodologia, o objetivo do educador é direcionar seus alunos à compreensão dos problemas que se propõem a pesquisar. A compreensão vai além da ciência da informação dada, ela proporciona o reconhecimento das diferentes versões de um mesmo fato e a possibilidade de formular e propor várias hipóteses acerca dessas várias versões. Compreender é uma atividade cognitiva e experiencial, que produz relações entre as informações, o problema e os conhecimentos grupais e individuais de cada integrante do grupo. No momento que compreendemos um fato somos capazes de explicá-lo, de fornecer exemplos que o elucidem, de fazermos analogias com outras situações e aplicações de soluções.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, o professor precisa elaborar estratégias que direcionem o aluno para a interpretação e compreensão dos fatos que estão relacionados ao tema norteador. Cabe ao professor levar o aluno: a questionar toda forma de pensamento único, ou seja, instigar o aluno a suspeitar e questionar a realidade baseada em verdades estáveis e objetivas; a reconhecer as implicações que a situação estudada gera na realidade; a reconhecer que as visões das situações sociais normalmente beneficiam alguns e marginalizam outros; ao entendimento de que as diferentes opiniões encontradas e analisadas pelos grupos devem coexistir e a cada grupo cabe comprová-la com a devida argumentação, e, finalmente, levar o aluno a perceber que as interpretações não são inocentes, mas sim interessadas, pois amparam e veiculam visões do mundo e da realidade.

As estratégias utilizadas no trabalho com projetos podem ser transferidas para problemas reais e contribuir para um melhor conhecimento pessoal e do outro, além de favorecer uma preparação profissional mais flexível e completa, pois buscam estimular nos alunos: a **auto-direção**, uma vez que favorece a iniciativa para levar adiante, por si



mesmo e com outros, tarefas de pesquisa; a **capacidade inventiva**, desenvolvida pela utilização criativa de recursos, métodos e explicações alternativas; a **formulação e resolução de problemas**, o diagnóstico de situações e o desenvolvimento de estratégias analíticas e avaliativas; a **integração**, pois favorece a síntese de ideias, experiências e informação de diferentes fontes e disciplinas; a **tomada de decisões**, já que será decidido o que é relevante e o que se vai incluir no projeto e, principalmente, a **comunicação interpessoal**, posto que se deverá contrastar as próprias opiniões e pontos de vista com outros, e tornar-se responsável por elas, mediante a escrita ou outras formas de representação.

### **Pedagogia de Projetos: os conteúdos, a avaliação e o professor**

Quando nos referimos ao trabalho pedagógico por meio de projetos, existe uma tendência de associar a desvalorização dos conteúdos curriculares, quando na verdade isso é uma concepção errônea da abordagem da PP. Ela valoriza os conteúdos, desvalorizá-los seria ignorar a própria história, seria o mesmo que tentar construir a cada dia o conhecimento acumulado pela humanidade. O que existe é uma maneira diferente de trabalhar os conteúdos entre o modelo tradicional e o trabalho com projetos. Enquanto o primeiro impõe a linearidade, acreditando na transmissão acumulativa dos conteúdos, a PP entende que os conteúdos devam ser trabalhados à medida que forem necessários, para o melhor entendimento do tema pesquisado. Dessa forma, o conteúdo deixa de ser unicamente abstrato para o aluno e sua assimilação se tornará mais natural.

O que caracteriza o trabalho com projetos não são as origens de seus temas norteadores, mas a forma como esses são tratados, existe a preocupação de que os temas abranjam todos os envolvidos no processo. Assim sendo, os problemas ou temáticas podem surgir de um aluno em particular, de um grupo de alunos, da turma, do professor ou da própria conjuntura; o importante é que o tema passe a ser preocupação efetiva de todos os envolvidos no projeto. A aceitação e o envolvimento são essenciais em todas as fases do desenvolvimento do plano, desde a escolha do tema aos objetivos traçados e suas avaliações, todas as etapas devem ser discutidas e decididas pelo grupo.

A partir da escolha do tema, a problemática a que ele se refere será a detonadora do projeto. Num primeiro momento, os alunos vão expor suas opiniões, ideias, crenças e conhecimentos acerca do assunto em questão. Os alunos trazem consigo hipóteses explicativas e concepções sobre o mundo que os cerca, nunca devemos ignorá-las! São dessas hipóteses que a intervenção pedagógica deve partir.



No desenvolvimento do projeto, serão criadas estratégias para buscar respostas às questões levantadas na problematização. Nesse momento, serão fragmentadas as matérias que serão estudadas no desenvolvimento da pesquisa. É necessário que os alunos se deparem com situações que os obriguem a confrontar opiniões, reverem pontos e hipóteses, colocar novas questões. O professor precisa saber levar a essas ações, sem que as mesmas sejam impostas; o aluno precisa chegar, ele mesmo, a essas conclusões. Criar estratégias que permitem várias respostas e a maneira de executá-las, sugerir caminhos a cada aluno ou ao grupo, é dever do professor, enquanto facilitador do processo de aprendizagem.

Para que o trabalho com projetos traga bons resultados, se faz necessário observar algumas condições básicas para o seu perfeito desenvolvimento, o interesse do aluno, ainda que seja fundamental, não é suficiente. As atividades devem ter um valor intrínseco, devem ser excluídas atividades triviais que não possuam outra consequência que não seja o prazer imediato que proporciona sua execução. As atividades propostas devem sempre despertar a curiosidade, devem gerar uma demanda de informação e a necessidade da pesquisa. O professor deve planejar atividades nas quais as respostas não sejam únicas e a maneira de executá-las sugira caminhos diversos, para que cada um dos alunos escolha, a partir de sugestões/orientações do próprio professor, o caminho a seguir, encontrando seu próprio lugar e desenvolvendo seu próprio estilo de aprendizagem. Também deve haver uma flexibilidade na organização das atividades, evitando a rotina, que pode se tornar maçante. Outra condição fundamental é a margem de tempo, não se constrói um projeto pedagógico em um curto espaço temporal, por essa razão as escolas geralmente optam por um ano letivo.

É importante que o educador se conscientize de que não é com o simples fato de os projetos gerarem necessidade de aprendizagem que se estará garantindo tal conquista. É preciso que os alunos se apropriem desses novos conteúdos, e para isso a intervenção do professor é fundamental, no sentido de criar ações para que essa apropriação se faça de forma significativa. Isso poderá ser feito a partir da organização de módulos de aprendizagem, em que o professor irá criar atividades visando a um tratamento mais detalhado e reflexivo do conteúdo.

Espera-se de um professor que se propõe a trabalhar com a Pedagogia de Projetos uma postura bastante reflexiva acerca do fazer docente, disposto a colocar-se como um facilitador no desenvolvimento do conhecimento, e não mais como o detentor do mesmo. Exige-se do profissional uma constante revisão do sentido do saber escolar



e uma compreensão global da sociedade. Além, é claro, de um domínio dos conteúdos que devem ser trabalhados, pois não é uma tarefa fácil traçar a ponte entre os conteúdos teóricos e a realidade prática. A partir dessa postura, o professor deixa de ser uma autoridade do saber e tornar-se um guia ou mediador. Nesse sentido, o professor deve ter uma flexibilidade e coerência no momento em que vai dirigir determinadas decisões, inclusive sobre as formas de avaliação do trabalho.

A avaliação faz parte do processo de aprendizagem, por meio dela o professor terá parâmetros que o direcionarão às melhores interferências no decorrer do desenvolvimento do trabalho pedagógico. É uma ação na qual práticas como o acompanhamento e a explicação estão acima do mero ato de medir. Trata-se de um valioso instrumento pedagógico, que jamais deve ser usado como algo punitivo. A avaliação permite que, por um lado, sejam obtidas evidências sobre o que o indivíduo recorda ou compreende da informação que foi apresentada ou estudada em sala de aula; por outro lado, ela está vinculada à promoção de uma etapa à outra, de um nível de ensino a outro. Ela também deve ser entendida como processual, uma forma de diálogo do professor com o conhecimento que os alunos constroem e como evidência pública que lhes permite aprender uns dos outros.

As formas de avaliação devem, assim, ser baseadas no desenvolvimento de estratégias de simulação ou favorecedoras da inferência do aprendido a outras situações. Devem ser centradas em resultados observáveis da aprendizagem. O papel do professor consiste em organizar, com um critério de complexidade, as evidências nas quais se reflita o aprendizado dos alunos, não como um ato de controle, mas sim como construção do conhecimento compartilhado. Para que todas as expectativas acerca da avaliação sejam possíveis, ela deve ser **contínua**: no sentido de se manter permanente no processo de aprendizagem; **dinâmica**: o professor deve se utilizar de diferentes instrumentos na reflexão dos seus resultados, e **investigativa**: possibilitando ao professor levantar e mapear dados para a compreensão do processo de aprendizagem do aluno.



## Educomunicação

Como a escola, exercendo sua função primordial de formar cidadãos, pode interagir de maneira saudável no mundo atual, conciliando os diferentes tempos e percepções? Segundo Citelli:

Televisão, videocassete, rádio, computador ao lado giz e lousa. Ritmo e velocidade nas linguagens midiáticas convivendo com a oralidade nem sempre agradável e cifrada numa temporalidade que segue o andamento natural do sistema fonador. (CITELLI, 1999: 16)

Uma das saídas pode ser a implantação de *projetos educacionais*, os quais através de suas características buscam uma aproximação entre a educação e os meios de comunicação, propondo ações que objetivam uma interação produtiva nas interfaces entre a comunicação e a educação. Diminuindo, assim, a distância entre esses dois âmbitos.

A Educomunicação, entendida como uma teoria que recomenda ações que buscam integrar e fortalecer os indivíduos dentro de um ecossistema comunicativo, valoriza as práticas democráticas e participativas, destacando a necessidade de uma ação comunicativa dentro do espaço educativo (Soares, 1999, 2000, 2002). Nessa linha, ela é fortemente influenciada pela teoria dialógica de Paulo Freire (1998). É a partir deste autor que encontramos os alicerces que permitem a teorização sobre os ecossistemas comunicacionais, e a matriz de sua teoria está presente no pensamento de vários outros teóricos da comunicação que subsidiam a reflexão sobre a Educomunicação, como Jesús Martín-Barbero (2000), para quem os ecossistemas comunicativos não são apenas moldados pelas tecnologias e meios de comunicação, perpassando os diferentes conjuntos de linguagens com que nos deparamos na vida cotidiana; Mário Kaplún (1999), segundo o qual a educação comunicativa deve transcender o campo das mídias e se instalar como um instrumento pedagógico.

Esses autores enfatizam a necessidade de se trabalhar os meios de comunicação como fonte de informação e conhecimento durante as ações educativas. Buscam, ainda, fazer com que o processo de interação entre o indivíduo e o meio ambiente no qual esse atua seja uma fonte para a construção do conhecimento. Assim, nota-se que a tendência pedagógica que subjaz a esses autores é predominantemente construtivista. Desse modo, autores como Vygotsky, Freire e mesmo Dewey, entre outros, são referenciados por esses autores da comunicação em seu diálogo com a reflexão em educação.

Assim, a Educomunicação pode propiciar à educação um estudo mais amplo e contínuo dos meios de comunicação e das interações comunicativas que envolvem o



ambiente escolar. Essa ação poderá possibilitar ao aluno uma relação mais positiva com os meios e mediações comunicativas. Apesar da escola não ser o único ambiente onde se possam desenvolver projetos educomunicativos, ela é, sem dúvida, um ambiente bastante promissor, pois na escola a socialização é propagada e existe a possibilidade de uma ampla integração dos grupos sociais, aspectos imprescindíveis à Educomunicação.

Adotar nas práticas pedagógicas projetos educomunicativos não significa que o papel da escola vai ser alterado, significa, sim, uma mudança de abordagem, mas a essência do fazer docente se mantém; segundo Citelli:

a escola continuará, para se fazer uso de uma redundância formal, mas com carga significativa ampliadora, sendo escola, portanto, lócus de sistematização e, sobretudo, produção de saber. A “leitura” dos sistemas de comunicação, no seu compósito de produção, circulação e, sobretudo, recepção, deve estar integrada aos fluxos críticos-dialógicos dos demais discursos com os quais a escola trabalha. (CITELLI, 1999: 16)

As escolas são orientadas a valorizarem a comunicação em suas práticas educativas. O PCN, elaborado pelo MEC, sugere a utilização de temas transversais, nos quais assuntos relacionados ao cotidiano da comunidade vão servir de norteadores para uma abordagem mais formal do tema, buscando levar uma maior interatividade para as práticas educativas. Nesse sentido, ele valoriza a comunicação em seus diversos aspectos, bem como estimula uma visão crítica dos meios de comunicação. Acredita-se, assim, que tais abordagens acabam por eliminar o receio, ainda persistente, por parte de muitos professores em interagir com os meios de comunicação:

As tecnologias de comunicação, além de serem veículos de informação, possibilitam novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo. A utilização de produtos do mercado da informação – revistas, jornais, CD-ROM, programas de rádio e televisão, home-pages, sites, correios eletrônicos – além de possibilitar novas formas de comunicação, geram novas formas de produzir o conhecimento. (BRASIL, 1998: 135)

Dessa forma, a comunicação passaria efetivamente a fazer parte do cotidiano escolar, deixaria de ser coadjuvante e assumiria um papel fundamental no processo de aprendizagem, facilitando as relações entre os alunos, professores, coordenadores, diretores, enfim, todos os envolvidos no processo educativo.

Em suma, inserir projetos de Educomunicação no ambiente escolar é uma prática que, por mais resistência que encontre<sup>5</sup>, já é prescrita, inclusive oficialmente, podendo contribuir na formação intelectual dos alunos, ao melhorar as relações e

---

<sup>5</sup> A literatura fala sobre essa resistência (por exemplo, Rossetti, 2000) e na pesquisa de Andrade (2009) foram observadas também dificuldades na relação entre professores e a comunicação midiaticizada.



democratizar o ambiente escolar. As escolas que optarem por ignorar as mudanças da sociedade, bem como os novos anseios e expectativas em relação aos processos de ensino, correm o risco de ficar à margem e provavelmente terão dificuldades em cumprir o papel de formar indivíduos críticos para atuar num mundo que muda constantemente.

Observa-se, contudo, que a inserção da Educomunicação ou de projetos educacionais nas escolas tende a se dar em ocasiões extraordinárias, esporádicas e vinculadas à ação de agentes externos à escola, conforme nota Rossetti (2000). Esse mesmo autor nota que as ações propostas pelos projetos educacionais perduram no ambiente escolar apenas enquanto seus promotores estão presentes. Uma vez que os mesmos retiram-se das escolas, as práticas educacionais tradicionais voltam a assumir papel principal.

Nota-se, assim, que a inserção da Educomunicação na escola deveria, para ser mais produtiva, ocorrer de um modo mais estrutural. Esse é um eixo possível da convergência entre as abordagens da Pedagogia de Projetos e da Educomunicação, ou seja, a construção e o trabalho com projetos utilizando estratégias propostas pela Educomunicação. É interessante, porém, refletir mais sobre essa possível convergência e as possíveis dificuldades no diálogo, provavelmente profícuo, entre a Pedagogia de Projetos e a Educomunicação.

### **Considerações finais**

A Educomunicação e a Pedagogia de Projetos apresentam semelhanças em seus conceitos e em suas práticas. Dessa forma, em uma leitura superficial, elas poderiam ser tomadas como sinônimos. Fazemos, entretanto, uma análise mais densa nos princípios de cada uma dessas propostas, para que assim sejamos capazes de diferenciá-las:

A Educomunicação é um conjunto de ações, informadas por certos pressupostos teóricos, que buscam melhorar a comunicação dentro de um ambiente social. Ela tem a preocupação de fazer com que todos passem a compreender e interagir com os meios de comunicação, tanto em interações presenciais quanto a distância, por meios analógicos ou digitais. E, junto dessa interação, objetiva-se promover uma educação continuada, que atenda a demandas do grupo social ao qual o projeto será destinado. O educador é aquele profissional que tem uma grande facilidade de encontrar e diagnosticar os conflitos existentes em um ecossistema, também precisa ter um forte conhecimento das tecnologias da comunicação, das relações culturais e da recepção dos



meios de comunicação, mas não necessariamente precisa ser um especialista numa área do saber formal, como assinalam autores que discutem o perfil desse profissional, como Soares (1999).

A Pedagogia de Projetos, por sua vez, busca um fazer docente baseado nas descobertas por pesquisa, acredita na construção participativa do conhecimento pelo aluno, sendo esse responsável pelo seu desenvolvimento. O professor que trabalha com projetos precisa ter um profundo conhecimento do seu saber específico, pois assim será capaz de abordar o máximo de conteúdos possíveis durante a pesquisa. Não se descarta o planejamento dos conteúdos formais das disciplinas, o que muda é a forma como esses serão trabalhados. Outra grande preocupação da Pedagogia de Projetos é a avaliação, que é usada como um termômetro para que o professor-mediador tenha consciência de como está sendo o desenvolvimento de cada aluno, individualmente e do grupo como um todo, para que, se necessário, busque novos caminhos, muitas vezes mudando até o que fora planejado. O que está em questão na Pedagogia de Projetos é o desenvolvimento pessoal do aluno e sua interação com o grupo, o formato do trabalho construído a partir desse desenvolvimento e interação é apenas o resultado de todo o processo, mas que é de suma importância que seja compartilhado entre todos.

Nessa linha, pode-se avançar afirmando que uma diferença importante, talvez a principal, pois dela decorrem outras, entre a Pedagogia de Projetos e a Educomunicação está relacionada com a gênese de cada uma dessas propostas, os diferentes espaços sociais em que surgem. Assim, a Educomunicação nasce no ambiente externo à escola (em diálogo com propostas de “comunicação popular”), e tem no ambiente escolar mais um, entre vários outros locais, onde é possível disseminá-la; ela busca centrar suas atenções no ecossistema comunicativo e na compreensão dos meios de comunicação. Desse modo, sua concepção sobre a educação não está ligada, necessariamente, ao conteúdo formal, mas trata-se, sim, de uma educação continuada que busca atender às necessidades da comunidade local. O interlocutor não está preso a uma visão pedagógica, é necessário que ele se utilize dela, mas devemos reconhecer no educador a qualificação híbrida: é um profissional que consegue transitar no mundo interno e externo ao ambiente escolar. Para a educação formal existem vantagens na implantação de projetos educacionais, como o fato deles propiciarem ao aluno a possibilidade de conviver com diferentes visões de outros profissionais (além do professor), o que não seria sempre possível no restrito ambiente escolar. A Educomunicação pode levar ao aluno, dessa maneira, uma visão mais realista dos



fazerem que lhes serão propostos na vida, e que podem relacionar-se com muitas instâncias sociais, como o mercado de trabalho e a participação cidadã no mundo, por exemplo.

A Pedagogia de Projetos tem sua raiz dentro do ambiente escolar, ela está preocupada em mudar a forma como o conhecimento é trabalhado dentro da escola, destina-se ao estudo dos conhecimentos formais, tendo como ponto de partida para esse objetivo a cotidianidade do aluno. Os conteúdos curriculares são trabalhados, busca-se alcançar o máximo de abrangência dos conteúdos de diferentes disciplinas durante o desenvolvimento do projeto pedagógico. Existe uma forte preocupação com as práticas pedagógicas, como o planejamento das atividades, visando a um melhor aproveitamento possível das mesmas. Também se trabalha com a necessidade da avaliação coletiva e individual, como instrumento pedagógico que auxilia no mapeamento do desenvolvimento individual e grupal.

A grande semelhança entre ambas está na valorização da integração do grupo e do indivíduo, na mudança de eixo da relação professor/aluno, enfatizando uma relação participativa entre professor, enquanto mediador, e o aluno como responsável pela construção do seu conhecimento, e na importância de se compartilhar o que é descoberto por meio de um produto comunicativo. Subjaz, aqui, a base construtivista de ambas as propostas.

É nesse sentido que a diferenciação entre ambas, em termos de uma representar uma “metodologia” de trabalho (a Pedagogia de Projetos) e outra constituir uma “teoria” (a Educomunicação) sobre a interface entre a comunicação e a educação, embora correta, possa ser também parcial, para pensar em níveis de complementaridade e diferenciação entre ambas. Isso porque a Pedagogia de Projetos possui uma teoria de base (o construtivismo), assim como as práticas educacionais que, entretanto, parecem diferir em seus desenvolvimentos e estratégias aplicadas. A Tabela 1, a seguir, compara a Educomunicação e a PP, sintetizando pontos da discussão apresentada.



	<i><b>Educomunicação</b></i>	<i><b>Pedagogia de Projetos</b></i>
<b>Caracterização</b>	Teoria (e práticas) sobre a interface entre a comunicação e a educação	Metodologia de trabalho didático
<b>Surgimento/ Desenvolvimento</b>	Surge fora do espaço escolar e desenvolve-se em qualquer ambiente social (inclusive a escola)	Surge dentro do ambiente escolar e desenvolve-se nele
<b>Agente</b>	O educador, que é um profissional com uma formação híbrida	O professor, que é um especialista em uma área do saber, com formação pedagógica
<b>Agente - características</b>	O educador é um profissional que conhece as tecnologias da comunicação, as relações culturais e a recepção dos meios de comunicação	O professor, formado em determinada especialidade, busca trabalhar com a PP como um facilitador no processo de aprendizagem
<b>Âmbito educativo</b>	Educação formal ou informal	Educação formal (conteúdos)
<b>Espaço de atuação</b>	Geralmente extracurricular	Curricular, cada dia mais presente nas escolas

*Tabela 1: Comparação entre a Educomunicação e a Pedagogia de Projetos*

Como se pode observar, há uma clara intersecção entre a Educomunicação e a Pedagogia de Projetos, mesmo que esta não seja imediatamente percebida ou valorizada; no momento em que os alunos de um projeto pedagógico compartilham os conhecimentos adquiridos, eles estão trabalhando com a Educomunicação, pois invariavelmente se utilizarão do diálogo, bem como, potencializando o mesmo, dos meios de comunicação para alcançar ao máximo seus companheiros.

A diferença – e aqui reside talvez uma possibilidade de convergência bastante produtiva entre Educomunicação e Pedagogia de Projetos – é que esse aluno vai se utilizar dos meios de comunicação sem uma reflexão acerca deles, não haverá um maior questionamento sobre, por exemplo, a recepção de cada meio utilizado, o que aconteceria num projeto educacional. O ideal seria aliar essa duas práticas ou abordagens – que, como destacamos, possuem similaridades na perspectiva teórica –



dentro do ambiente escolar. Assim, poderíamos ter como resultado um desenvolvimento mais crítico e abrangente dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. B. P. *Educomunicação e Pedagogia de Projetos*. Monografia de especialização em Gestão da Comunicação, São Paulo: ECA/USP, 2009.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CITELLI, A. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento* São Paulo: Senac, 1999.

COLL, C. S. et al. *Os Conteúdos na Reforma*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Educação*, pp. 68-75, jan./abr. 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. A. *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho*, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARTÍN BARBERO, J. Ensanchando territorios en comunicación/educación, in VALDERRAMA, Carlos, *Comunicación & Educación*, Bogotá, Universidad Central, pp. 101-113, 2000.

NOGUEIRA, N. R. *Interdisciplinaridade Aplicada*, 2ª ed. São Paulo: Érica, 1999.

QUEIROZ, T. D. *Pedagogia de Projetos Interdisciplinares – uma proposta prática de construção do conhecimento a partir de projetos*. São Paulo: Rideel, 2001.

ROSSETTI, F. *Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas*. São Paulo: UNICEF/Jogos de Amarelinha, 2005.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade - O currículo integrado*. Porto Alegre: Artmed, 1998



SOARES, I. O. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília, Ano 1, n. 1, pp. 18-74, jan/mar: 1999.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo: ECA/USP – Editora Segmento, Ano VII, PP. 12-24, set./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP – Editora Segmento, Ano VIII, pp. 16-25, jan./abr: 2002.